ISSN: 2358-8829

EPISTEMOLOGIAS QUILOMBOLAS NO TERRITÓRIO ESCOLAR DE JEQUITIBÁ: MAPAS ABERTOS E/EM EXPERIMENTAÇÕES

Cinthia Guimarães dos Santos[1]
Jacqueline de Vasconcelos Dantas Martins[2]
Ana Lúcia Gomes da Silva, UNEB/PPGED[3]

RESUMO

Este artigo apresenta dados iniciais de uma pesquisa de mestrado em andamento desenvolvida num Programa de Pós-Graduação do estado da Bahia sobre as epistemologias quilombolas no território escolar de Jequitibá, povoado de Mundo Novo, Bahia. O objetivo geral deste texto é discutir como produções acadêmicas compreendem essas epistemologias e explicitar a cartografia como método para acompanhar presenças, silenciamentos e tensionamentos entre escola e território. De abordagem qualitativa, o estudo articula revisão conceitual, análise documental e registros da aproximação inicial com o campo. A revisão compreendeu buscas no Saber Aberto/UNEB e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, ampliação de descritores e rastreamento de referências. O corpus reúne produções de Larchert, Larchert e Oliveira, Silva, Araújo e Cavalcante, que vinculam conhecimento a resistência, território, memória, coletividade, modos de vida, educação e arte. Em diálogo com Deleuze e Guattari, Passos, Kastrup e Escóssia, Costa e Silva e Abreu, a cartografia é compreendida como acompanhamento de processos, produção de mapas abertos e pesquisa implicada. Os resultados parciais mostram maior ocorrência da expressão "saberes quilombolas", ao nomear esses conhecimentos gestados nos territórios dos quilombos. Ao conceber os referidos saberes como epistemologias, reconhecem-se sujeitos e territórios quilombolas como produtores de conhecimento. A aproximação com o lócus da pesquisa evidenciou ainda que a escola não pode ser analisada separadamente das disputas locais de pertencimento. Conclui-se que a cartografia oferece coerência ética e metodológica para caminhar com o território e acolher as dobras dos encontros sem antecipar seus processos e emergências quanto aos saberes cultivados pela comunidade do quilombo de Jequitibá, evidenciando seus consensos ou dissensos.

Palavras-chave: Epistemologias quilombolas. Território escolar. Cartografia. Jequitibá.

[1] Mestranda em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discurso, Formação da Educação Básica e Superior (DIFEBA). E-mail: cinthiasemecmn@gmail.com.

[2]Mestranda em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discurso, Formação da Educação Básica e Superior (DIFEBA). E-mail: jacvdantas@hotmail.com.

[3]Professora plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de Ciências Humanas – DCH IV - Jacobina - BA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) e do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e doutora em Educação pela UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (DIFEBA). E-mail: analucias12@gmail.com

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu de um silêncio. Em 2022, durante minha atuação como articuladora de Geografia no município de Mundo Novo, Bahia, participei de momentos de planejamento com docentes do Colégio Regional de Jequitibá e, em um desses encontros, propus uma abordagem sobre comunidades tradicionais que considerasse as pessoas que se reconhecem como quilombolas no próprio povoado. A sugestão produziu desconforto, insegurança e recusa. A cena não comprovava a ausência dos conhecimentos quilombolas na escola, mas tornava visível que falar sobre o território mobilizava disputas, limites e tensões que precisavam ser compreendidos.

A inquietação originou a pesquisa em andamento intitulada Epistemologias quilombolas no território escolar de Jequitibá: mapas abertos e/em experimentações, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia. O estudo busca cartografar como as epistemologias quilombolas se fazem presentes no território escolar de Jequitibá, e suas implicações nos tensionamentos, deslocamentos e possibilidades que emergem na relação entre escola e território, a partir de uma perspectiva de mapas abertos e/em experimentações.

Jequitibá é um povoado de Mundo Novo atravessado pelo reconhecimento quilombola e por conflitos que envolvem terra, religião e identificação. Nesse contexto, aproximar-se do campo exige cautela. A pesquisa não pode pressupor que todas as pessoas se reconheçam da mesma maneira, nem transformar uma certificação coletiva em identidade compulsória. Precisa acompanhar as diferentes posições presentes no território e reconhecer que afirmação, dúvida, distanciamento, silêncio e negação também constituem o problema investigado.

O território escolar é compreendido, neste estudo, para além de sua delimitação física ou institucional. Trata-se de um espaço produzido por relações sociais, históricas, culturais e políticas, no qual diferentes sujeitos disputam sentidos, pertencimentos, memórias e formas de reconhecimento. Silva, Almeida e Batista (2023) destacam que a territorialidade se encontra em permanente movimento e se relaciona com processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização atravessados por relações de poder. Nessa perspectiva, o Colégio Regional de Jequitibá não é tomado apenas como uma instituição localizada em uma comunidade certificada como quilombola, mas como

território no qual a identidade quilombola pode ser afirmada, negociada, tensionada ou silenciada.

Essa exigência ética encontra correspondência na cartografia, entendida como acompanhamento de processos, forças, afetos e deslocamentos. Os encontros com o campo podem produzir dobras no percurso investigativo, alterando perguntas e caminhos. A noção de mapas abertos, inspirada em Deleuze e Guattari (1995), indica um percurso conectável e modificável, que acompanha relações entre sujeitos, memórias, instituições, práticas e modos de produzir conhecimento.

O objetivo deste artigo é discutir como produções acadêmicas compreendem as epistemologias quilombolas e explicitar a cartografia como método para acompanhar sua presença no território escolar de Jequitibá. Os resultados correspondem à revisão conceitual, à análise comparativa das obras e aos deslocamentos da aproximação inicial com o campo. Os ateliês e as conversas previstos para a continuidade da investigação ainda não foram realizados.

PERCURSO METODOLÓGICO: A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO

A investigação adota abordagem qualitativa por considerar os sentidos produzidos nas relações entre pesquisadora, escola, participantes e território. Essa opção permite compreender as disputas de pertencimento quilombola em suas histórias locais e relações institucionais.

No interior dessa abordagem, a cartografia constitui o método da pesquisa. Em Deleuze e Guattari (1995), o mapa se diferencia do decalque porque não reproduz uma estrutura previamente definida. Ele é aberto, conectável, reversível e suscetível a modificações. Essa formulação interessa ao estudo porque impede que Jequitibá seja tratada como cenário imóvel e que as epistemologias quilombolas sejam convertidas em uma lista antecipada de costumes ou conteúdos. O método exige atenção ao que se produz nos encontros e às linhas que se compõem, se interrompem ou mudam de direção.

A cartografia é assumida não como representação estática de uma realidade previamente constituída, mas como acompanhamento de processos, relações, deslocamentos e forças que atravessam o território investigado. Silva e Abreu (2023, p. 55) compreendem a cartografia como “a arte de fazer rizomas, mapas de nós mesmas, com múltiplas entradas e saídas, nada linear e estático”. Cartografar exige abertura ao

ISSN: 2358-8829

percurso, atenção às experimentações e reconhecimento das mudanças de posição da pesquisadora. Ao aproximar conhecer, pesquisar e intervir, o método afasta a pretensão de neutralidade e permite que os mapas abertos acompanhem linhas, afetos, memórias e sentidos produzidos em Jequitibá.

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) desenvolvem a cartografia como pesquisa-intervenção e acompanhamento de processos. O conhecimento não é produzido por uma pesquisadora exterior e neutra e sim, pesquisadora e campo participam da construção do percurso. Costa (2014) amplia essa compreensão ao recuperar a raiz latina plic ou plica, associada às ideias de prega e dobra. Implicar-se não corresponde somente a estar presente ou demonstrar empatia, mas a reconhecer-se dobrada pela pesquisa, afetando o campo e sendo por ele afetada. As dobras dos encontros, silêncios, recusas e deslocamentos podem alterar perguntas, dispositivos e direções. Isso não elimina o rigor; desloca-o para a explicitação das escolhas, o registro dos movimentos e a análise da própria implicação.

Neste artigo, a revisão conceitual busca acompanhar como a expressão “epistemologias quilombolas” é formulada, deslocada e relacionada a outros conceitos. Em diálogo com Almeida e Sousa Júnior (2023), o conceito é tratado como construção criadora, múltipla e situada, aberta a ampliações, desvios e resistências. O levantamento procura acompanhar essas transformações nas pesquisas analisadas.

O levantamento foi realizado no repositório Saber Aberto, da Universidade do Estado da Bahia, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), inicialmente considerando o período de 2018 a 2026, posteriormente flexibilizado quando obras anteriores se mostraram decisivas à constituição do conceito. No Saber Aberto, a primeira busca, sem filtro temporal, empregou “epistemologia quilombola” e “epistemologias quilombolas” e recuperou dois trabalhos: um foi provisoriamente separado por apresentar possível contribuição à pesquisa, embora sem relação direta com o termo, e o outro foi excluído por não dialogar com o tema-problema. A segunda busca associou os mesmos descritores pelo operador booleano OR e retornou os mesmos dois registros.

Na terceira busca no Saber Aberto, utilizou-se “epistemologias quilombolas” OR “saberes quilombolas”, sem delimitação temporal, localizando-se 25 trabalhos. Após a retirada de repetições e a leitura de títulos, resumos e palavras-chave, excluíram-se produções afastadas da problemática conceitual. Com o trabalho separado anteriormente,

seis produções foram pré-selecionadas; esse conjunto não corresponde ao corpus definitivo. Na BDTD, o descritor “saberes quilombolas” recuperou 31 registros. A ampliação dos descritores favoreceu a localização de trabalhos pertinentes à revisão.

A seleção do *corpus* considerou: abordagem direta de epistemologias ou conhecimentos quilombolas; contribuição para compreender modos de produzir, informar e legitimar conhecimentos; relação consistente com território, educação, memória, comunidade, arte ou modos de vida; e disponibilidade do texto completo. Foram excluídos duplicados, trabalhos em que os descritores apareciam apenas pontualmente e produções cujo objeto central não contribuía para a problemática epistemológica. A exclusão não implica falta de relevância para os estudos quilombolas, mas apenas menor aderência ao objetivo deste recorte. Após essa triagem, cinco produções foram escolhidas para leitura aprofundada: Larchert (2013), Larchert e Oliveira (2016), Silva (2022), Araújo (2023) e Cavalcante (2025).

O levantamento também foi ampliado pelo rastreamento das referências presentes nas obras consultadas. Durante a leitura da dissertação de Santos (2019), identificou-se a referência a Jeanes Martins Larchert; uma busca direcionada conduziu à tese de 2013 e, posteriormente, ao artigo de 2016. Embora anteriores ao intervalo inicialmente definido, as duas produções foram mantidas por seu caráter precursor e por sua contribuição direta à elaboração de epistemologias quilombolas no campo educacional, apontando dados importantes para o quadro teórico da pesquisa em desenvolvimento.

A primeira aproximação presencial no campo empírico da pesquisa ocorreu em 13 de julho de 2026 e incluiu contato com a escola, com o espaço da associação quilombola e com sujeitos epistemológicos do território. Tratou-se de uma aproximação anterior à produção formal de informações com os participantes centrais. Os registros dessa etapa ajudaram a rever a ideia inicial de pesquisar apenas a instituição escolar. A escola está ligada a trajetos, memórias, conflitos e formas de organização que excedem seus limites físicos, por isso, território escolar designa uma trama de relações, e não apenas o prédio ou o currículo documentado.

A continuidade da pesquisa terá como sujeitos epistemológicos estudantes do 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental do Colégio Regional de Jequitibá. A escolha considera suas vivências na escola e na comunidade, além da possibilidade de continuidade da cartografia no ano seguinte. A participação não dependerá de

autodeclaração quilombola, pois diferentes modos de pertencimento integram as tensões investigadas.

Os dispositivos serão diário de campo, ateliês de pesquisa para produção de mapas abertos e, quando indicadas pelo percurso, caminhadas cartográficas. Na revisão conceitual, o mapa conceitual funcionará como conceito-ferramenta para organizar relações e explicitar aberturas no pensamento.

O diário acompanhará o estudo, registrando cenas, falas, silêncios, recusas, afetos e decisões metodológicas. Nos ateliês, os estudantes poderão representar lugares, pessoas, práticas, memórias e ausências por meio de desenhos, palavras, símbolos, colagens e narrativas. As conversas surgidas nesses encontros permitirão retomar pistas dos mapas, sem seguir questionários rígidos.

Por envolver adolescentes, a etapa de campo observará os procedimentos éticos aplicáveis, incluindo autorização dos responsáveis, assentimento dos estudantes e apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Também será necessário acordar o uso de nomes, imagens, vozes e produções autorais. Esses cuidados são particularmente importantes em um território atravessado por conflitos, pois a pesquisa não deve expor participantes, acirrar disputas nem obrigar ninguém a assumir uma identificação.

ESCOLHAS TEÓRICAS E DISPUTAS DE NARRATIVAS : “EXISTE EPISTEMOLOGIA QUILOMBOLA”?

A escolha da palavra epistemologia possui uma dimensão política e analítica e gerou desde o início da apresentação do tema, estranhamento, controvérsias e apagamentos. A expressão “saberes quilombolas” pode nomear práticas, memórias e conhecimentos importantes. Contudo, falar em epistemologias permite perguntar como esses conhecimentos são produzidos, partilhados, validados e transmitidos, quem possui autoridade para nomeá-los e por que alguns encontram reconhecimento enquanto outros permanecem à margem da escola. O termo não deve ser aplicado automaticamente a toda manifestação cultural, mas utilizado para examinar políticas do conhecimento e relações de poder.

Na tese Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo, Larchert (2013) analisa práticas sociais e processos educativos construídos na resistência da comunidade do Fojo, em Itacaré, Bahia. A autora emprega

as ideias de epistemologia da resistência, epistemologia de grupo e epistemologia quilombola do Fojo para mostrar que o conhecimento emerge das relações familiares, comunitárias, territoriais e políticas. A resistência não aparece apenas como reação a uma ameaça externa, mas como processo que educa e organiza formas coletivas de permanecer no território. No artigo publicado com Oliveira, a relação entre conhecimentos comunitários e educação escolar ganha centralidade. Larchert e Oliveira (2016) descrevem a oralidade, a memória coletiva, a observação da natureza, o trabalho, a organização das moradias e a vida comunitária como dimensões da epistemologia quilombola. As autoras mostram que a comunidade produz esquemas de conhecimento utilizados cotidianamente, como a leitura do tempo, do vento, do sol, das nuvens e da umidade. Esses conhecimentos não constituem fragmentos folclóricos, orientam decisões e modos de viver, são ontológicos da filosofia de vida.

A discussão curricular evidencia uma contradição: professores e estudantes pertencem à comunidade e compartilham referências culturais, mas a escola pode silenciar a história e a identidade quilombola. Para Larchert e Oliveira (2016), a descolonização do currículo exige diálogo com os processos educativos comunitários, sem supor que o currículo resolverá sozinho os conflitos étnico-raciais. A contribuição dessa formulação para Jequitibá está em perguntar não somente se o tema quilombola aparece no planejamento, mas quais conhecimentos encontram passagem, quais vozes são legitimadas e sob quais condições.

Silva (2022) desloca a discussão ao afirmar os quilombos como espaços de construção de conhecimentos. Sua elaboração parte de uma posição situada: pesquisadora, educadora e integrante do movimento quilombola. Essa localização não reduz o alcance acadêmico do texto, explicita que a produção de conhecimento pode nascer da experiência coletiva e das lutas pela terra, pela educação e pelo direito de existir. Conhecimento, nesse horizonte, relaciona-se à resistência e à manutenção de formas de vida que não dependem de validação externa para possuir sentido e legitimidade.

A autora questiona a hierarquia que atribui à universidade e à ciência moderna o monopólio da produção de conhecimento. Os quilombos aparecem como territórios epistêmicos, onde sujeitos elaboram interpretações, estratégias, pedagogias e formas de transmissão vinculadas à ancestralidade e à organização comunitária. Essa contribuição ajuda a evitar que a pesquisa em Jequitibá procure apenas elementos culturais para inseri-los no currículo. O desafio é reconhecer os próprios sujeitos e seus modos de produzir

conhecimento, inclusive o direito de decidir o que pode circular, como será narrado e em quais espaços.

Araújo (2023) examina a emergência de um movimento quilombola no Baixo Tocantins e mostra como a educação escolar se torna parte de uma agenda pública de resistência e reexistência. O autor emprega a expressão epistemologias do quilombo para nomear referências construídas nos modos de viver, produzir, pensar e sentir das comunidades. Essas epistemologias aparecem nas práticas de cura com plantas medicinais, no trabalho coletivo, na solidariedade, nas religiosidades, nas relações com a terra, a floresta e as águas e nas mobilizações por direitos.

A escola defendida pelos sujeitos acompanhados por Araújo não exclui o conhecimento sistematizado. Ela parte das referências e dos valores do quilombo para dialogar com esse conhecimento, ressignificá-lo e produzir algo novo. A pedagogia decolonial emerge, portanto, do encontro crítico entre conhecimentos, e não de uma oposição simplificadora entre comunidade e escola. Para a pesquisa em Jequitibá, essa formulação reforça a necessidade de acompanhar como diferentes conhecimentos entram em relação e como as disputas territoriais interferem naquilo que pode ser reconhecido como conteúdo, memória e experiência válida.

A tese de Cavalcante (2025) amplia a revisão para além do currículo formal ao investigar a produção artística de Joelington Rios, do Quilombo Jamary dos Pretos, no Maranhão. A autora compreende a obra do artista como manifestação de uma episteme quilombola capaz de confrontar estereótipos e visualidades hegemônicas sobre a Amazônia. A arte participa da produção de conhecimento porque organiza modos de olhar, narrar, lembrar e habitar o território.

Na análise de Cavalcante, fotografia, instalações e vídeos constituem práticas de autorrepresentação e elaboração crítica. A roça quilombola aparece como modelo de biointeração e contraponto à monocultura e ao extrativismo; os quintais aparecem como arquivos vivos; corpo, memória e território se articulam numa estética contracolonial. Essa leitura contribui para Jequitibá ao indicar que mapas, desenhos, fotografias e outras produções dos estudantes não devem ser tratados apenas como ilustrações. Eles podem produzir pensamento, disputar representações e fazer emergir dimensões do território que a linguagem escrita não alcança sozinha.

RESULTADOS EM MOVIMENTO DE AMPLI(AÇÃO)

ISSN: 2358-8829

O primeiro resultado refere-se ao próprio percurso de busca. A ampliação para "saberes quilombolas" elevou de modo expressivo a quantidade de registros, tanto no Saber Aberto quanto na BDTD. Essa diferença não é apenas terminológica, evidencia os modos pelos quais os conhecimentos produzidos pelas comunidades quilombolas são nomeados e legitimados academicamente. Jesus (2023) problematiza a associação ocidental entre ciência e conhecimento e destaca que o vocábulo "saberes" permite acionar referências e atos de conhecer para além das comunidades tradicionalmente acadêmicas. A maior ocorrência de "saberes quilombolas" pode, assim, indicar que a literatura reconhece conhecimentos elaborados nos quilombos, mas ainda emprega com menor frequência a palavra "epistemologia" para nomeá-los.

Os saberes podem designar práticas e conhecimentos concretos; a noção de epistemologia interroga os modos de produzi-los, guardá-los e transmiti-los. Trata-se de conhecimento elaborado a partir do quilombo e de sua experiência histórica de resistência, que tensiona a hierarquia colonial de reconhecimento do conhecimento.

A noção de epistemologia permite interrogar as condições de sua produção e reconhecimento, bem como as hierarquias que classificam alguns conhecimentos como científicos e outros como inferiores. Não se trata de substituir uma palavra pela outra, mas de compreender que nomear como epistemologia reivindica estatuto, autoria e autoridade para conhecimentos historicamente deslegitimados.

A análise das cinco produções evidencia convergências sem apagar suas diferenças. Larchert e Larchert e Oliveira enfatizam os processos educativos da resistência e as relações, muitas vezes negadas, com o currículo escolar; para Jequitibá, essa formulação orienta a observação das passagens e dos silenciamentos entre comunidade e currículo. Silva afirma o quilombo como espaço legítimo de produção de conhecimento e contesta a dependência de validação externa, recolocando os sujeitos quilombolas como autores e autoridades do conhecimento.

Araújo articula epistemologias do quilombo, território, ação coletiva e educação decolonial, favorecendo a análise do encontro crítico entre referências comunitárias e escola. Cavalcante, por sua vez, evidencia a arte e a autorrepresentação como formas de conhecimento, permitindo tratar mapas, imagens e produções estéticas como pensamento, e não como simples ilustração.

A comparação permite formular uma compreensão provisória para a pesquisa: epistemologias quilombolas são formas situadas e coletivas de produzir, viver, transmitir

e legitimar conhecimentos, constituídas nas relações com o território, a ancestralidade, a memória, a oralidade, o corpo, a arte, o trabalho, a resistência e os modos comunitários de existência. O plural é indispensável porque essas epistemologias não formam um sistema homogêneo. Cada comunidade produz relações próprias, atravessadas por histórias e disputas específicas.

O segundo resultado é a convergência das obras em torno do caráter relacional do conhecimento. Nas formulações analisadas, conhecer não se separa inteiramente de viver. Oralidade, memória, trabalho coletivo, cuidado, território, arte e mobilização política não aparecem como exemplos acessórios de um conceito abstrato, constituem modos pelos quais conhecimentos são produzidos e transmitidos. A revisão impede, assim, que a pesquisa em Jequitibá reduza epistemologias quilombolas a um conjunto fixo de conteúdos a serem encontrados.

A contribuição metodológica da revisão está na coerência entre a cartografia e uma concepção plural e situada das epistemologias quilombolas. A compreensão construída orientará a atenção, permanecendo aberta aos acontecimentos de Jequitibá. Os ateliês poderão ampliar ou deslocar as dimensões destacadas, permitindo produzir conhecimento com o território sem enquadrá-lo previamente em categorias externas.

A aproximação inicial também revelou um limite que precisa ser preservado na análise. Os silêncios percebidos no planejamento e as tensões observadas na comunidade são pistas, não resultados definitivos sobre a relação entre escola e epistemologias quilombolas. A continuidade da investigação deverá observar como estudantes e demais interlocutores significam essas relações. Essa cautela diferencia a cartografia de uma leitura que transforma impressões iniciais em diagnóstico fechado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão conceitual realizada neste artigo mostra que reconhecer epistemologias quilombolas implica deslocar conhecimentos historicamente tratados como periféricos, folclóricos ou não científicos. Larchert, Larchert e Oliveira, Silva, Araújo e Cavalcante oferecem entradas distintas, mas convergem ao relacionar produção de conhecimento a território, memória, resistência, coletividade e modos de existência. Suas contribuições permitem construir uma compreensão provisória sem apagar as diferenças entre comunidades e experiências.

Para a pesquisa em Jequitibá, essa compreensão exige um método capaz de acompanhar processos e admitir deslocamentos. A cartografia oferece essa possibilidade ao tratar o campo como espaço de produção compartilhada e tornar visível a implicação da pesquisadora. As dobras dos encontros, silêncios, recusas e afetos podem reorientar perguntas e caminhos, sem serem reduzidas a falhas do planejamento. Mapas abertos, diário de campo e ateliês constituem dispositivos para produzir encontros, fazer emergir narrativas e indicar novas direções.

A aproximação inicial reforçou que escola e território não podem ser analisados separadamente. O percurso deverá considerar os estudantes como participantes centrais e manter diálogo ético com a associação e outros interlocutores. Ao mesmo tempo, precisará acolher diferentes posições diante do reconhecimento quilombola, sem impor identidades ou buscar um consenso inexistente.

O artigo constrói bases conceituais e metodológicas para acompanhar como esses conhecimentos circulam, são disputados ou silenciados no território escolar. A continuidade da investigação poderá tensionar essa elaboração e produzir outros mapas, reconhecendo Jequitibá como território produtor de conhecimento.

Essa perspectiva dialoga com Santos (2023) e com intelectuais negras como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, ao questionar hierarquias coloniais do conhecimento. Também se aproxima das reivindicações de educadoras e movimentos quilombolas por um currículo aquilombado, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francis Silva de; SOUSA JÚNIOR, Maurício José de. Conceito. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina; SILVA, Obdália Santana Ferraz (org.). **Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade**. Salvador, BA: Jornal Editora Alecrim, 2023. p. 23-28.

ARAÚJO, Isaac Fonseca. **Epistemologias do Quilombo: a emergência de uma pedagogia decolonial em territórios quilombolas na Amazônia brasileira.** Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 16, n. 3, p. 307-335, set./dez. 2023. DOI: 10.18764/2358-4319v16n3.2023.49.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 21 nov. 2012. Seção 1, p. 26.

CAVALCANTE, Brenda de Oliveira Silva. **Epistemologias quilombolas: a arte contemporânea de Joelington Rios.** 2025. 276 f. Tese (Doutorado em Artes) – Programa

de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.
COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014. DOI: 10.5902/1983734815111.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
JESUS, Rosane Meire Vieira de. Episteme. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina; SILVA, Obdália Santana Ferraz (org.). **Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade.** Salvador, BA: Jornal Editora Alecrim, 2023. p. 88-91.
LARCHERT, Jeanes Martins. **Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo, município de Itacaré-BA.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
LARCHERT, Jeanes Martins; OLIVEIRA, Maria Waldenez de. **As (não) relações curriculares entre a epistemologia quilombola e a educação escolar.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 12, n. 21, p. 317-338, jan./abr. 2016.
PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
SANTOS, Sandra Meira. **O que se quer dizer quando se diz "currículo para as relações étnico-raciais": sentidos, discursos e lutas por significação em torno das relações raciais no GT 12 da ANPEd.** 2019. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
SILVA, Ana Lúcia Gomes da; ABREU, Laís Oliveira. Cartografia. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina; SILVA, Obdália Santana Ferraz (org.). **Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade**. Salvador, BA: Jornal Editora Alecrim, 2023. p. 55-60.
SILVA, Ana Margarete Gomes da; ALMEIDA, Lorena Ferreira de Souza; BATISTA E BATISTA, Marize Damiana Moura. Territorialidade, (des)(re)territorialização e migração: conceitos em movimento. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina; SILVA, Obdália Santana Ferraz (org.). **Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade**. Salvador, BA: Jornal Editora Alecrim, 2023. p. 433-445.
SILVA, Givânia Maria da. **Por outras epistemologias: os quilombos como espaços de construção de conhecimentos.** Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnica, Brasília, v. 23, n. 1, p. 100-127, 2022.